

ERIC H. CLINE

1177 a. C.
O ANO EM QUE
A CIVILIZAÇÃO
COLAPSOU

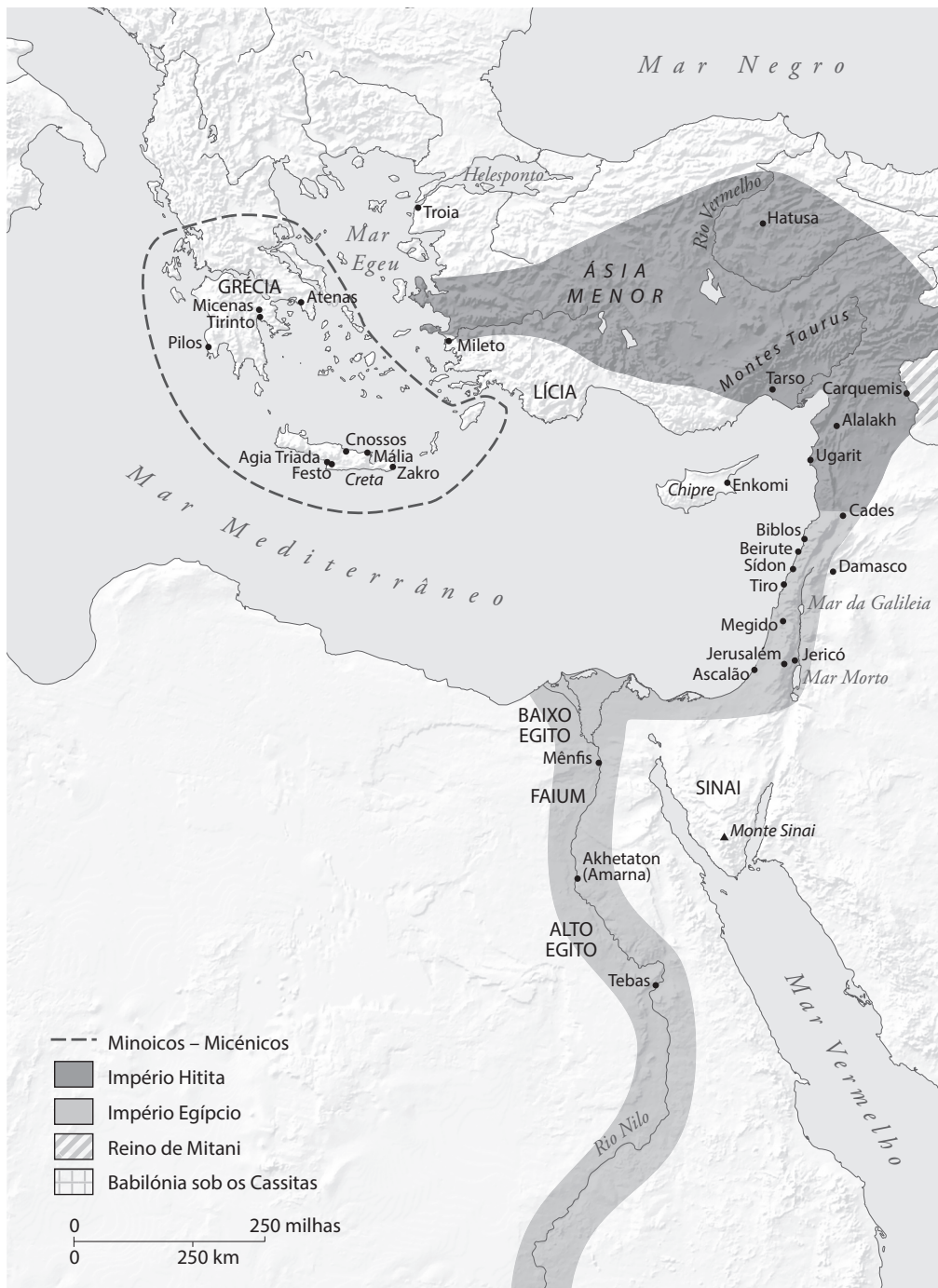
Tradução
André Morgado

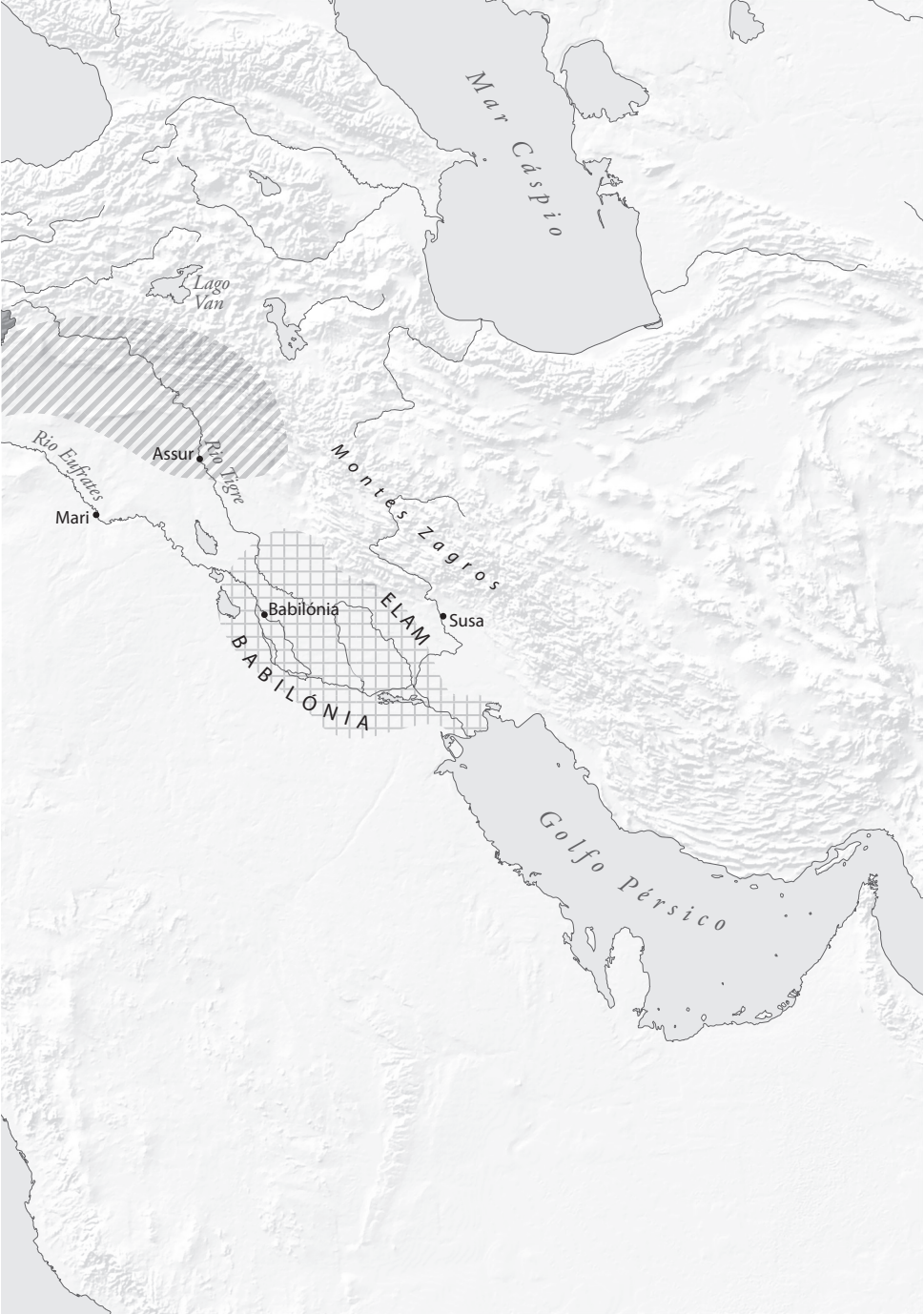
alma
dos
livros

ÍNDICE

<i>Prefácio do autor à edição revista e aumentada</i>	9
<i>Prólogo</i>	
O colapso das civilizações: 1117 a.C.	17
<i>Capítulo Um</i>	
Ato I. Das armas e do homem: o século XV a.C.	35
<i>Capítulo Dois</i>	
Ato II. Um caso (do Egeu) para recordar: o século XIV a.C. ..	71
<i>Capítulo Três</i>	
Ato III. A luta pelos deuses e pelo país: o século XIII a.C.	107
<i>Capítulo Quatro</i>	
Ato IV. O fim de uma era: o século XII a.C.	145
<i>Capítulo Cinco</i>	
Uma «tempestade perfeita» de calamidades?	193
<i>Capítulo Seis</i>	
Povos do Mar, colapso de sistemas e teoria da complexidade .	239
<i>Epílogo</i>	
O rescaldo	257
Agradecimentos.....	267
<i>Dramatis personae</i> (ordenação alfabética).....	271
Bibliografia	277

Mapa das civilizações da Idade do Bronze tardia no Egeu e no Mediterrâneo Oriental





*Dedicado a James D. Mubly,
que tem vindo a debater estes
temas e a apresentá-los aos
estudantes há quase meio século.*

PREFÁCIO DO AUTOR À EDIÇÃO REVISTA E AUMENTADA

NO INÍCIO DE 2020, enquanto estava a trabalhar na edição revista deste livro, vi uma manchete no *The Guardian*: «Humanidade em Perigo Devido a Uma Tempestade Perfeita de Crises.» «O mundo enfrenta uma série de emergências interligadas que estão a ameaçar a [própria] existência dos seres humanos», escreveu a jornalista ambiental Fiona Harvey. Estava a noticiar os resultados de um inquérito feito a 222 cientistas de 52 países. Eles concluíram que, hoje, enfrentamos várias emergências importantes: mudança climática extrema, perda de espécies, escassez de água e crise na produção de alimentos. O que era particularmente preocupante, dizia, era que «a combinação de todas [...] amplificava os riscos de cada uma, criando a tempestade perfeita que ameaça engolir a humanidade, a não ser que algo mude».¹

Achei aquilo alarmante, claro, mas também intrigante, por a situação contemporânea que descreve apresentar muitas semelhanças com 1177 a. C. Passaram mais de três mil anos, quando as civilizações mediterrânicas da Idade do Bronze colapsaram, uma após a outra, mudando o curso da História. Obviamente, aconteceram colapsos calamitosos antes desse; poderá acontecer outra vez?

É uma questão que tenho vindo a levantar desde 2014, quando a primeira edição deste livro foi publicada. Acredito há muito que a resposta é sim; não é uma questão de *se*, mas de *quando*.

¹ Harvey 2020. O inquérito foi conduzido pela rede internacional de sustentabilidade Future Earth e publicado como parte do seu relatório intitulado «Our Future on Earth 2020», que pode ser encontrado *online* em: <https://futureearth.org/publications/our-future-on-earth/>.

Como se não bastasse, a pandemia da covid-19 atacou com toda a força, com efeitos devastadores em todo o mundo, milhões de pessoas infetadas, centenas de milhares de mortos. Ainda falta perceber todos os efeitos desta peste, em cima da perfeita tempestade que atinge o mundo globalizado. Mas é já claro que a futura história da vida neste planeta irá mudar, talvez tão profundamente como mudou nas regiões do Egeu e do Mediterrâneo Oriental há trinta e duas centenas de anos. Agora, contudo, as mudanças que nos esperam não estão limitadas a estas regiões — têm um alcance global.

*

Na primeira edição deste livro, argumentei que 1177 a. C. foi um momento de charneira na História da civilização — um ponto de viragem para o mundo antigo. Nessa época, a Idade do Bronze no Egeu, no Egito e no Próximo Oriente durava há perto de dois mil anos, desde *c.* 3000 a. C. e até pouco depois de 1200 a. C. Quando o fim chegou, depois de séculos de evolução cultural e tecnológica, a maior parte do mundo civilizado e internacionalizado das regiões mediterrânicas conheceu uma paragem súbita em vastas áreas que iam do que é hoje a Itália até ao Afeganistão e da Turquia até ao Egito. Grandes impérios e pequenos reinos, que levaram séculos a desenvolver-se, colapsaram rapidamente, dos micénicos e minoicos aos hititas, assírios, babilónios, mitânicos, cipriotas, cananeus e mesmo egípcios.

E com o seu fim veio um período de transição, frequentemente descrito pelos especialistas como a primeira idade das trevas mundial. Só ao fim de alguns séculos é que emergiu uma renascença cultural na Grécia e noutras áreas afetadas, preparando o palco para a evolução da sociedade tal como a conhecemos hoje.

Posto que essas civilizações da Idade do Bronze e os fatores que levaram ao seu colapso datam de há mais de três milénios, muitos assumem que hoje são pouco relevantes para nós e que não há uma comparação válida a fazer-se entre o mundo da Idade do Bronze tardia e a moderna cultura conduzida pela tecnologia. Contudo, há mais paralelos entre as duas eras do que se possa pensar. Por exemplo, na Idade do Bronze tardia, no Egeu e no Mediterrâneo Oriental, havia embaixadas diplomáticas e embargos económicos; casamentos

sumptuosos e divórcios desagradáveis; intrigas internacionais e desinformação militar deliberada; rebeliões e migrações; e mudanças climáticas, incluindo secas.

Depois de toda uma vida a estudar a Idade do Bronze, acredito que lançar um olhar mais atento aos eventos, às pessoas e aos sítios de um tempo a três milênios de distância de nós é mais do que um mero exercício acadêmico de estudo de História Antiga.² É especialmente relevante agora, considerando tudo o que se tem vindo a passar no nosso mundo globalizado e transnacionalizado, onde também encontramos complexas embaixadas diplomáticas (pense-se na Coreia do Norte) e embargos econômicos e de comércio (pense-se na China); sumptuosos casamentos reais (William e Kate; Harry e Meghan); intrigas internacionais e desinformação militar deliberada (pense-se na Ucrânia); rebeliões (Primavera Árabe) e migrações (refugiados sírios); e, claro, mudanças climáticas e peste (covid-19).

Nutro fortes suspeitas de que os futuros historiadores verão o ano de 2020 como outro momento de charneira na História. É óbvio que, na nossa economia global, as fortunas e os investimentos dos Estados Unidos e da Europa estão inextricavelmente ligados ao sistema internacional que também envolve a Ásia Oriental e as nações petrolíferas do Médio Oriente. E se estivermos apenas no início de uma outra tempestade perfeita de fatores de *stress* nas nossas sociedades interligadas? Embora a maior parte das pessoas sobreviva à atual pandemia da covid-19, as suas repercussões, econômicas e outras, irão provavelmente sentir-se por muito tempo. E podemos tentar atrasar a mudança climática, mas alguns dos seus efeitos são já irreversíveis, com a fome a espalhar-se em vastas áreas do mundo em desenvolvimento. Haverá mais eventos cataclísmicos a caminho? Relembre-se que o Apocalipse tem outros cavaleiros além da Peste e da Fome. Teremos resistência suficiente para ultrapassar o mais que nos for atirado ou caminhamos para o colapso dos múltiplos elementos que compõem a nossa complexa sociedade global?

²Nisto, concordo com Jennings 2011, que escreveu recentemente acerca de globalizações e do mundo antigo. Veja-se também, anteriormente, Sherratt 2003, num artigo publicado antes de estas correlações se tornarem mais evidentes, bem como a dissertação de mestrado de Katie Paul (2011), orientada por mim.

*

Segundo Joseph Tainter, que literalmente escreveu o livro sobre o colapso de sociedades complexas, o «colapso é essencialmente a perda súbita e inequívoca de um patamar estabelecido de complexidade sociopolítica».³ Foi precisamente isso que ocorreu em 1177 a. C. Devemos notar, contudo, que discutir «colapsos» e comparar o triunfo e a queda de impérios não é coisa nova; os estudiosos têm vindo a fazê-lo pelo menos desde Setecentos, quando Edward Gibbon escreveu sobre a queda do Império Romano. Um exemplo mais recente é o livro *Collapse*, de Jared Diamond.⁴ Contudo, tanto Gibbon como Diamond estavam a ter em conta como é que um único império ou civilização chegava ao seu fim — os Romanos, os Maias, os Mongóis, e por aí fora. Aqui, temos em conta como é que um sistema global na Antiguidade, com múltiplas civilizações, todas interagindo entre si e, pelo menos parcialmente, dependendo umas das outras. Há apenas alguns instantes na História em que se verificou a existência de tais sistemas-mundo globais; o que existia na Idade do Bronze tardia e o que existe hoje são dois dos mais óbvios exemplos, e os paralelos — comparações seria uma palavra melhor — entre eles são, por vezes, intrigantes.

Para dar apenas um exemplo, Carol Bell, uma académica britânica, notou que «a importância estratégica do estanho na Idade do Bronze tardia [...] não era provavelmente muito diversa da dependência moderna do petróleo».⁵ À época, pensa-se, o estanho só estava disponível em quantidade em certas minas da região do Badaquistão, no Afeganistão, e tinha de ser trazido por terra até à Mesopotâmia (moderno Iraque) e ao norte da Síria, de onde era distribuído para pontos mais a norte, sul ou oeste, incluindo pelo mar até ao Egeu.

³Tainter 1988: 4, 193.

⁴Tainter 1988; Diamond 2005; veja-se também o volume editado por Yoffee e Cowgill 1988; e as discussões em Killebrew 2005: 33–34; Liverani 2009; Middleton 2010: 18–19, 24, 53; e agora em Middleton 2012, 2017a, 2017b, 2018a, 2018b; também em Butzer 2012; Butzer e Endfield 2012; Knapp e Manning 2016; Weiner 2017, 2018; Millek 2019a; bem como as várias contribuições nos volumes de atas editados por Driessen 2017 e Fischer e Bürgel 2017.

⁵Bell 2012: 180.

Bell continua: «A disponibilidade de estanho suficiente para produzir [...] armas de bronze com qualidade deverá ter sido tema de reflexão do Grande Rei, em Hatusa, ou do faraó, em Tebas, da mesma maneira que o abastecimento de gasolina para o condutor americano de SUV a um preço razoável preocupa hoje o presidente americano!»⁶

Susan Sherratt, uma antiga arqueóloga do Museu Ashmolean, de Oxford, e hoje da Universidade de Sheffield, começou a defender tal comparação há perto de vinte anos. Tal como notou, há algumas «analogias genuinamente úteis» entre o mundo de 1200 a. C. e o dos dias de hoje, incluindo uma fragmentação política, social e económica cada vez maior, bem como a existência de trocas diretas e «sem precedentes a nível social e entre distâncias nunca vistas». Mais relevante é a sua ideia de que a situação no fim da Idade do Bronze tardia oferece uma analogia para a nossa própria «economia e cultura global, crescentemente homogénea e incontrolável, na qual [...] as incertezas políticas de uma parte do mundo podem afetar drasticamente as economias de regiões a milhares de quilómetros de distância».⁷

*

O historiador Fernand Braudel disse uma vez: «A história da Idade do Bronze pode facilmente ser escrita de forma dramática: está repleta de invasões, guerras, pilhagem, desastres políticos e colapsos económicos duradouros, “os primeiros choques entre povos”.» Ele também avançou a ideia de que a história da Idade do Bronze pode ser escrita «não apenas como uma saga de drama e violência, mas como uma história de contactos benéficos: comerciais, diplomáticos (mesmo nesta época) e, acima de tudo, culturais».⁸ As ideias de Braudel

⁶ Bell 2012: 180–81. Há alguns depósitos de estanho (cassiterite) no Deserto Oriental do Egito, algumas minas de estanho no sudeste da Anatólia e na Cornualha, e talvez todas tenham sido exploradas, de uma maneira ou de outra, à época, mas a principal fonte de estanho, e por uma grande diferença, durante a Idade do Bronze tardia, no Egeu e no mar Mediterrâneo, parece ter sido a região do Badaquistão, no Afeganistão.

⁷ Sherratt 2003: 53–54.

⁸ Braudel 2001: 114.

tocaram-me o coração e aqui estou eu para apresentar a história (ou melhor, as histórias) da Idade do Bronze tardia como uma peça em quatro atos, numa narrativa adequada e com analepses, para oferecer contextos apropriados a introduzir alguns dos seus maiores atores, à medida que primeiro aparecem no palco do mundo e depois saem: de Tudhaliya, dos Hititas, a Tushratta, de Mitani, até Amenhotep III, do Egito, e Assuruballit, da Assíria (um glossário *dramatis personae* é apresentado no fim do livro para quem queira manter-se atualizado quanto a datas e nomes).

Contudo, a nossa narrativa também terá algo de policial, com voltas e reviravoltas, pistas falsas e indícios sem significado. Para citar Hercule Poirot, o lendário detetive belga criado por Agatha Christie, ela própria casada com um arqueólogo, precisaremos de usar as nossas «pequenas células cinzentas» para juntar os fios das várias provas no fim da nossa crónica, enquanto tentamos responder à pergunta quanto ao porquê de um sistema internacional estável colapsar subitamente após séculos de florescimento.

Mais, para entender verdadeiramente o que colapsou em 1177 a. C. e porque é que foi um momento tão decisivo na História Antiga, temos de começar antes, tal como se regressássemos ao século XVIII d. C. e começássemos no fim do Iluminismo, na Revolução Industrial e na fundação dos Estados Unidos para compreendermos verdadeiramente as origens do mundo globalizado de hoje. Embora eu esteja principalmente interessado em examinar as possíveis causas para o colapso das civilizações da Idade do Bronze nesta região, também procuro saber como era esse mundo perdido nesse momento de charneira, quando os impérios e reinos do segundo milénio a. C. soçobram. Interesse-me também em saber até que ponto recuou a civilização nesta parte do globo, em alguns sítios ao longo de séculos, alterando-a irrevogavelmente. A magnitude do cataclismo foi enorme; uma perda que o mundo não voltaria a ver até ao colapso do Império Romano, mais de quinze centúrias depois.

*

A edição revista de 1177 a. C. atualiza tanto a versão original de 2014 como a versão de capa mole com nova apresentação de 2015.

As principais alterações encontram-se no fim do livro, que foi aumentado e reorganizado, mas também se introduziram mudanças noutros capítulos.⁹

A maior parte dos novos dados deve-se a descobertas textuais e científicas sobre o Colapso que vieram a público desde a primeira publicação deste livro. O que inclui novos textos do sítio de Ugarit, no norte da Síria, publicados em 2016, alguns dos quais mencionam especificamente invasores vizinhos e fome na cidade algum tempo antes de esta ser destruída. Houve também um novo e importante estudo de ADN publicado em julho de 2019, bem como enterramentos descobertos na cidade filistina de Ascalão, que datam do final do século XII a. C. Os resultados parecem indicar que os Filisteus, que faziam parte dos Povos do Mar, emigraram de facto do Egeu ou do Mediterrâneo Ocidental, de acordo com os mais prováveis modelos genéticos. Há também novos dados vindos de estudos de sedimentos de lagos e lagunas em regiões que vão desde a Itália e a Grécia até à Turquia, à Síria, ao Líbano, a Israel e ao Irão. Tudo aponta cada vez mais conclusivamente para a ocorrência de uma enorme seca que atingiu muito do Egeu e do Mediterrâneo Oriental, a partir de c. 1200 a. C., durante cento e cinquenta ou trezentos anos.

Acabo por fazer apenas notar de novo a minha crença de que faríamos bem em olhar para o que aconteceu a estes reinos florescentes do Egeu e do Mediterrâneo Oriental durante o Colapso, no final da Idade do Bronze. Não estamos assim tão longe desses tempos como pensamos; a covid-19 acaba de expor a vulnerabilidade das sociedades modernas a uma das forças da natureza. A História que aqui se desenrola apresenta, portanto, o seu próprio fascínio, mas também nos deve lembrar da fragilidade do nosso próprio mundo.

⁹Nesta versão revista, o texto foi atualizado, o número de notas de rodapé, reduzido, e fizeram-se algumas mudanças (juntando ou eliminando) nas referências bibliográficas na secção «Bibliografia». Antes de mais, se os livros e artigos preferidos de alguém foram deixados de fora, peço desculpa; de igual modo, se as citações devidas a ideias ou publicações de outros investigadores foram omitidas sem intenção, devido aos cortes verificados nesta edição, serão feitos todos os esforços para se corrigir a situação em futuras impressões.

Prólogo

O COLAPSO DAS CIVILIZAÇÕES:
1117 a. C.

OS GUERREIROS ENTRARAM NO PALCO DO MUNDO e caminharam depressa, espalhando a morte e a destruição à sua passagem. Estudiosos modernos referem-se a eles coletivamente como «Povos do Mar», mas os Egípcios, que registaram o seu ataque ao Egito, nunca usaram o termo, identificando-os antes como grupos separados que trabalhavam em conjunto: *peleset*, *tjekker*, *shekelesh*, *shardana*, *danuna* e *weshesh* — nomes de sonoridade exótica para povos de aparência exótica.¹⁰

Sabemos pouco sobre eles, para lá do que as fontes egípcias nos contam. Não sabemos ao certo qual a sua origem: talvez a Sicília, a Sardenha e a Itália, de acordo com uma hipótese, talvez o Egeu ou a Anatólia Ocidental, ou possivelmente Chipre ou o Mediterrâneo Oriental. Nenhum sítio antigo foi identificado como o seu ponto de origem ou de partida. Pensamos neles num movimento incansável entre lugares, destruindo países e reinos à medida que avançavam. De acordo com os textos egípcios, montaram os acampamentos na Síria antes de avançarem para sul, ao longo da costa de Canaã (incluindo partes da moderna Síria, do Líbano e de Israel), até ao delta do Nilo, no Egito.

¹⁰ Gareth Roberts (2008: 5) nota que foi Emmanuel de Rougé o primeiro a cunhar esta expressão, «peuples de la mer», numa publicação de 1867; veja-se também Dothan e Dothan 1992: 23–24; Roberts, R. G. 2009; Killebrew e Lehmann 2013: 1; Pieper 2017; Alaura 2020: 12–13.

O ano era 1177 a. C. O oitavo ano de reinado do faraó Ramsés III.¹¹ De acordo com os antigos egípcios, e com as mais recentes descobertas arqueológicas, alguns dos Povos do Mar vieram por terra, outros, por mar. Não traziam uniformes nem fatos requintados. As imagens antigas retratam um dos seus grupos com adereços para a cabeça feitos de penas, e um outro envergando gorros com forma de caveiras; outros traziam elmos com chifres, ou não traziam nada. Alguns tinham curtas barbas pontiagudas e vestiam pequenas saias, de peito descoberto ou com uma túnica; outros não apresentavam pilosidade facial e vestiam roupas mais longas, quase como vestidos. Estas observações sugerem que os Povos do Mar eram constituídos por grupos diversos, de diferentes geografias e diferentes culturas. Armados com afiadas espadas de bronze, lanças de madeira com pontas de metal reluzente, arcos e flechas, vinham em barcos, grandes carroças, carros de bois e quadrigas. Embora tenha considerado 1177 a. C. como data de base, sabemos que os invasores chegaram em ondas, ao longo de um período de tempo considerável. Por vezes, os guerreiros vinham sozinhos; noutras, eram acompanhados pelas famílias.¹²

De acordo com as inscrições de Ramsés, nenhum país foi capaz de se opor a esta massa invasora humana. A resistência era inútil. As grandes potências da época — os Hititas, os Micénicos, os Cananeus, os Cipriotas e outros — caíram uma após a outra. Alguns dos sobreviventes fugiram da carnificina; outros amontoaram-se nas ruínas das suas anteriormente orgulhosas cidades; outros, ainda, juntaram-se aos invasores, alargando as suas fileiras e aumentando as presumíveis complexidades da turba de invasores. Cada grupo dos Povos do Mar estava em movimento, cada um motivado presumivelmente por razões individuais. Talvez fosse o desejo de despojos ou escravos que incentivava alguns; outros podem ter sido motivados pela seca, pela fome, por pressão populacional para migrarem para oriente saindo das suas terras a ocidente.

¹¹ Kitchen 1982: 238–39. Alguns egiptólogos colocam o oitavo ano de Ramsés III um pouco mais cedo (1186 a. C.) ou um pouco mais tarde (1175 a. C.), visto que as datas dos reinados dos faraós mais antigos, e a sua duração, não são inteiramente certas e foram muitas vezes ajustadas de acordo com os caprichos e desejos de arqueólogos e historiadores; assumi que a datação do reinado de Ramsés é entre 1184 e 1153 a. C.

¹² Raban e Stieglitz 1991; Cifola 1988, 1991, 1994; Wachsmann 1998: 163–97; Barako 2001; 2003a; 2003b; Yasur-Landau 2003a; 2010a: 102–21, 171–86, 336–42.

Nas paredes do seu templo mortuário, em Medinet Habu, perto do Vale dos Reis, Ramsés diz, lacónico:

As nações estrangeiras conspiraram nas suas ilhas. De uma só vez, todas as terras foram arrancadas e dispersadas pela confusão. Nenhuma podia aguentar diante das suas armas, de Khatte, Qode, Carquemis, Arzawa até Alasia e mais além, todas foram destruídas [ao mesmo tempo]. Um campo [foi construído] num sítio de Amurru. Eles assolaram aqueles povos, e as suas terras ficaram como se nunca tivessem existido. Avançavam em direção ao Egito, enquanto a chama era preparada diante deles. A sua confederação era a das terras unidas dos *peleset*, *tjekker*, *shekelesh* e *danuna*. Estenderam as suas mãos sobre as terras até ao limite do mundo, com os seus corações ousados e confiantes.¹³

Conhecemos esses sítios aparentemente destruídos pelos invasores, pois eram famosos na Antiguidade. Khatte é a terra dos Hititas, com o seu centro localizado no planalto interior da Anatólia (o antigo nome da Turquia), perto da moderna Ancara, e o império estendia-se da costa do mar Egeu, a ocidente, até às terras do norte da Síria, a oriente. É provável que Qode se localize na zona sudoeste da Turquia moderna (talvez na região da antiga Kizzuwadna). Carquemis é um sítio arqueológico bem conhecido, escavado pela primeira vez há um século por uma equipa de arqueólogos que incluía Sir Leonard Woolley, talvez mais conhecido pela sua escavação da «Ur dos Caldeus», de Abraão, no Iraque, e por T. E. Lawrence, que estudara Arqueologia Clássica em Oxford antes dos seus feitos na Primeira Guerra Mundial, que o transformaram no hollywoodesco «Lawrence da Arábia». Arzawa era uma terra conhecida dos Hititas, estando ao seu alcance no sul da Anatólia. Alasia talvez fosse o que hoje conhecemos pelo nome de Chipre, uma ilha rica em metais, famosa pelo seu minério de cobre. Amurru localizava-se na costa norte da Síria. Iremos visitar todos esses locais de novo, nas páginas e histórias que se seguem.

¹³Seguindo Edgerton e Wilson 1936: img. 46; trad. revista em Wilson 1969: 262–63.



Fig. 1. Povos do Mar retratados como cativos em Medinet Habu (in *Medinet Habu*, vol. 1, img. 44; cortesia do Oriental Institute, Universidade de Chicago).

Os seis grupos que constituíam os Povos do Mar durante esta vaga de invasões — os cinco mencionados por Ramsés na inscrição de Medinet Habu e um sexto grupo, chamado *shardana* (por vezes *sberden*), mencionado numa outra inscrição relevante — são bem mais obscuros do que as terras que aparentemente destruíram. Não deixaram inscrições suas; por isso, são quase por inteiro conhecidos, textualmente, a partir de inscrições egípcias.¹⁴

A maior parte destes grupos é difícil de detetar nos registos arqueológicos, embora arqueólogos e filólogos tenham vindo a levar a cabo uma tentativa corajosa, ao longo do último século, primeiro jogando com a linguística e, mais recentemente, olhando para a olaria e outros vestígios arqueológicos. Por exemplo, os *danuna* foram há muito identificados com os homéricos Dânaos, da Idade do Bronze do Egeu. Dos *shekelesh* se diz frequentemente que vieram da moderna Sicília, e os *shardana*, da Sardenha, com fundamento, em parte, nas

¹⁴ Veja-se a muitíssimo útil compilação de todas as fontes primárias egípcias e outras em que são mencionados os vários Povos do Mar, do tempo de Amenhotep III, da XVIII dinastia, até ao período de Ramsés IX, da XX dinastia, entre outros, em Adams e Cohen 2013: 645–64 e tabelas 1–2; veja-se ainda o debate sobre referências mais tardias em Pieper 2017.

semelhanças consonânticas em ambos os casos e no facto de Ramsés se referir àquelas «nações estrangeiras» que conspiraram «nas suas ilhas»; no caso específico dos *shardana*, estes foram referidos nas inscrições de Ramsés como originários «do mar».¹⁵

Contudo, nem todos os especialistas aceitam estas sugestões, e há uma escola de pensamento que sugere que os *shekelesh* e os *shardana* não vieram do Mediterrâneo Ocidental, mas antes de certas zonas no Mediterrâneo Oriental, tendo fugido para as regiões da Sicília e da Sardenha, às quais deram o nome, depois de terem sido derrotados pelos Egípcios. A favor dessa hipótese está o facto de se saber que os *shardana* combateram para e contra os Egípcios muito antes do advento dos Povos do Mar. Contra a hipótese, o facto de mais tarde Ramsés III nos dizer que instalou os sobreviventes das forças atacantes no próprio Egito.¹⁶

De todos os grupos estrangeiros ativos nesta arena naquele tempo, só um foi identificado com segurança. Aceita-se geralmente que os *peleset* dos Povos do Mar sejam não outros que os Filisteus, identificados na Bíblia (Am 9:7; Jr 47:4) como originários de Creta. A identificação linguística era aparentemente tão óbvia que Jean-François Champollion, que decifrou os hieróglifos egípcios, já o havia sugerido antes de 1836, e a identificação de tipos específicos de estilos de olaria, arquitetura e outros vestígios materiais como «filisteus» começou logo em 1899, pelos arqueólogos que trabalhavam em Tel es-Safi, identificada como a bíblica Gate.¹⁷

¹⁵ Roberts, R. G. 2008: 1–8; Sandars 1985: 117–37; 157–77; Vagnetti 2000; Cline e O'Connor 2003; Van De Mierop 2007: 241–43; Halpern 2006–7; Middleton 2010: 83, 2018b; veja-se ainda Killebrew e Lehmann 2013: 8–11; Emanuel 2013; Oreshko 2018; Redford, D. B. 2018: 113–21; Millek 2019a; 63–67. Vejam-se ainda referências adicionais *infra* sobre olaria e outros vestígios da cultura material.

¹⁶ Veja-se o debate em Cline e O'Connor 2003; também Sandars 1985: 50, 133; Zangger 1995; e agora Emanuel 2013; Killebrew e Lehmann 2013: 7–8. Note-se que os *lukka* e os *danuna* também são mencionados em inscrições egípcias mais antigas, do tempo de Amenhotep III e de Akhenaton.

¹⁷ Roberts 2008: 1–3; Dothan e Dothan 1992: 13–28. Vejam-se também Finkelstein 2000: 159–61 e Finkelstein 2007: 517 para descrições lúcidas de como os primeiros arqueólogos bíblicos, como Albright, relacionaram os *peleset* aos Filisteus; Dothan, T. 1982, Killebrew 2005: 206–234 e Yasur-Landau 2010a; 2–3, 216–81 sobre os vestígios materiais normalmente identificados como filisteus; e o mais recente e complexo debate sobre a identidade dos Filisteus por Maeir, Hitchcock e Horwitz 2013; e também as discussões relacionadas em Hitchcock 2011 e Stockhammer 2013.

Embora não saibamos com precisão as origens nem as motivações dos invasores, conhecemos o seu aspeto — podemos ver os seus nomes e rostos esculpidos nas paredes do templo mortuário de Ramsés III em Medinet Habu. Este antigo sítio é rico tanto em imagens como em imponentes linhas de texto hieroglífico. As armaduras, armas, roupas, barcos e carros de bois dos invasores, carregados com os seus pertences, são nitidamente visíveis nas representações, tão pormenorizadas que os especialistas publicaram análises daquelas pessoas individualmente e mesmo dos diferentes barcos representados nas imagens.¹⁸ Outros panoramas são mais gráficos. Um destes mostra estrangeiros e egípcios envolvidos em caóticas batalhas navais, alguns flutuam de cara para baixo, e estão claramente mortos, enquanto outros continuam a lutar com valentia nos seus barcos.

Desde os anos de 1920, as inscrições e cenas em Medinet Habu têm sido estudadas e copiadas com exatidão por egiptólogos do Oriental Institute da Universidade de Chicago. O instituto era e ainda é um dos centros mais proeminentes a nível mundial no estudo das civilizações antigas no Egito e no Próximo Oriente. James Henry Breasted fundou-o após o seu regresso de uma viagem épica pelo Próximo Oriente em 1919 e 1920, com 50 mil dólares de financiamento de John D. Rockefeller, Jr. Os arqueólogos do OI (como por norma é chamado) escavaram em todo o Próximo Oriente, do Irão ao Egito, e noutras partes.

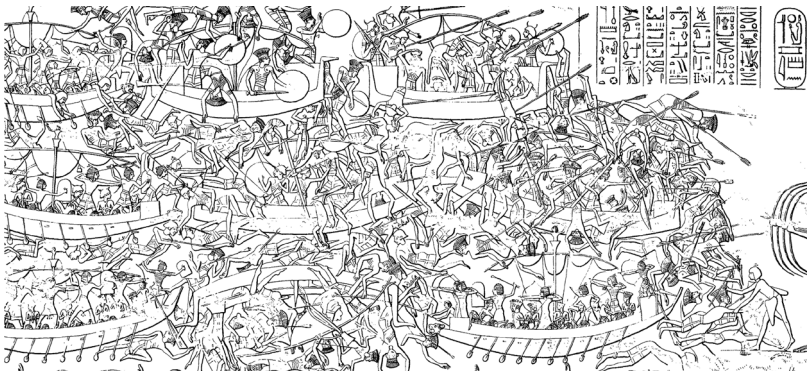


Fig. 2. Batalha naval contra os Povos do Mar em Medinet Habu (in *Medinet Habu*, vol. 1, img. 37; cortesia do Oriental Institute, Universidade de Chicago).

¹⁸ Vejam-se, *e. g.*, Cifola 1991; Wachsmann 1998; Drews 2000; Yasur-Landau 2010b; 2012b; 2012c; Bouzec 2011; e também Emanuel 2014, 2015a, 2016, 2017, 2018.

Muito tem sido escrito acerca de Breasted e dos projetos do OI que começaram sob a sua direção, incluindo escavações em Megido (o Armagedão bíblico), Israel, que duraram de 1925 até 1939. Entre os mais importantes contam-se os levantamentos epigráficos conduzidos no Egito, durante os quais os egiptólogos copiaram meticulosamente os textos hieroglíficos e as cenas deixadas pelos faraós nos seus templos e palácios por todo o Egito. É tarefa tremendamente entediante, copiar os hieróglifos esculpidos em paredes de pedra e monumentos. Envolve muitas horas de trabalho, e os copistas estão por norma empoleirados em escadas ou em andaimes debaixo de um sol tórrido, perscrutando símbolos deteriorados inscritos em pórticos, templos e colunas. Basta dizer que os resultados são inestimáveis, especialmente porque muitos sofreram bastante como resultado da erosão ou foram danificados por turistas, entre outros danos. Se estas inscrições não tivessem sido transcritas, ter-se-iam tornado indecifráveis para as futuras gerações. Os resultados das transcrições de Medinet Habu foram publicados numa série de volumes, o primeiro dos quais apareceu em 1930, com os volumes subsequentes e relacionados a aparecerem nos anos 1940 e 1950.

Embora o debate académico continue, com alguns especialistas a sugerirem que as batalhas terrestres e navais foram eventos sem ligação travados em períodos e locais diferentes, indo tão a norte como a parte mais a norte de Canaã (norte da Síria), a maior parte aceita que as batalhas terrestres e navais retratadas nas paredes de Medinet Habu foram provavelmente travadas quase em simultâneo no delta egípcio ou nas proximidades. É também possível que representem uma única batalha, de grandes dimensões, que ocorreu tanto no mar como em terra, e alguns estudiosos chegaram mesmo a sugerir que representam emboscadas às forças dos Povos do Mar, com as quais os Egípcios os apanharam de surpresa.¹⁹ Em qualquer dos casos, o resultado final não está em questão, pois em Medinet Habu o faraó egípcio afirma claramente:

¹⁹ Veja-se, *e. g.*, Raban e Stieglitz 1991. Para exemplos dos vários pontos de vista e argumentos, vejam-se, *e. g.*, mais recentemente, Kahn 2010, 2011a; Ben-Dor Evian 2015, 2016, 2017; Hoffmeier 2018; Núñez 2018: 126–28; Redford, D. B. 2018: 130–32; de Martino 2018: 31–32.